

# TECNOLOGIA DEMAIS, COMPORTAMENTO DE MENOS: O OLHAR DA ARQUEOLOGIA SOBRE VIDROS HISTÓRICOS<sup>1</sup>

TANIA ANDRADE LIMA<sup>2</sup>

## ABSTRACT

This paper analyses the archaeological production based on historical glasses, stressing the fact that the major emphasis of such studies has concerned the technological aspects of the manufacturing of the artifacts, especially bottles, relegating the investigation of the behaviors associated with these artifacts to a second plane. Other types of artifacts, less valued in the analyses, have revealed themselves particularly informative to what concerns categories with low visibility in the archaeological record, such as women, children, and ethnic groups. Examples of these would include glass beads, marbles, and glass sherds displaying knapping evidence. It is important that the analyses are not interrupted at the technical level so that we can proceed towards the explanation of the behaviors contained in glass artifacts and in the contexts in which they are found.

---

1 Comunicação feita à mesa redonda “Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?”, X Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizado em Recife, setembro de 1999. O texto aqui publicado é o que foi apresentado à época, sem alterações posteriores.

2 Departamento de Antropologia, Museu Nacional / UFRJ. Pesquisadora do CNPq.

Não obstante se tratar da categoria de artefatos mais freqüente em sítios arqueológicos históricos, em seguida às louças e tão durável quanto elas, os vidros ainda falam pouco se comparados a faianças e porcelanas. Embora haja muita informação contida nos seus cacos, a arqueologia histórica brasileira ainda não conseguiu extrair deles tudo o que têm a dizer sobre aqueles que os produziram, compraram, utilizaram, reciclaram e descartaram.

Nessa cadeia de comportamentos, algumas etapas têm visibilidade menor, como a da reciclagem. Esta é uma prática difícil de ser percebida no registro arqueológico, o que exige cautela redobrada ao se atribuir função a esse tipo de artefato, e mais ainda ao se tentar recompor sua trajetória de vida.

Os estudos existentes sobre vidros na Arqueologia Histórica norte e sul-americana são muito inferiores - qualitativa e quantitativamente - aos que já foram produzidos sobre louças, o que de certa forma denuncia a dificuldade dos arqueólogos lidarem com uma classe de artefatos cujos segredos ainda não foram totalmente desvendados.

Artefatos de vidro podem ser grosseiramente classificados em duas categorias, os utilitários e os ornamentais. No primeiro caso se encontra a esmagadora maioria das peças recuperadas arqueologicamente: garrafas de bebidas, frascos de remédios e perfumaria, vidraria de mesa, como copos e taças, recipientes para guarda de alimentos, e assim por diante. Na segunda, enfeites domésticos e objetos pessoais, de adorno, ou mesmo lúdicos.

A literatura sobre vidros voltada mais propriamente para os interesses da arqueologia começou a ser produzida timidamente na década de 60, duplicou na de 70, aumentou mais ainda na de 80 e vem se mantendo estável desde então. A esmagadora maioria dessa produção está voltada para aspectos tecnológicos e para uma única e mesma classe de artefato: a das garrafas de bebidas. Pelo menos 70% de tudo o que já foi escrito nessas quatro décadas sobre vidros, versa sobre essa categoria, e o restante se distribui mais ou menos eqüitativamente entre frascos de remédios, perfumaria e outros objetos.

Este foco excessivo sobre garrafas é de certa forma compreensível, diante do fato de que elas são - inequivocamente - os objetos de vidro que aparecem com maior freqüência no registro arqueológico histórico. Portanto, nada mais natural que se buscasse, em um primeiro momento, compreendê-las. Contudo, essa fixação obsessiva se manteve ao lon-

go das quatro décadas, diminuindo as possibilidades de se expandir os conhecimentos sobre outras classes de artefatos, que, mesmo não sendo tão freqüentes, são igualmente importantes. E mais ainda: embora Busch tivesse afirmado, em 1987, que as garrafas convidam a adivinhar sabores e os hábitos daqueles que as utilizaram, pouco tem sido feito nessa direção.

De um modo geral, a literatura está esmagadoramente voltada para os aspectos tecnológicos de produção dos objetos de vidro, pouco se reservando a análises dos comportamentos a eles associados. Na década de 1990, essas análises começaram a aparecer mais intensamente no bojo de estudos de casos, mas de forma ainda muito tímida, se comparadas ao muito que vem sendo extraído de louças e cerâmicas.

Na verdade, é entre os não-utilitários que parecem residir atualmente algumas das grandes contribuições que os vidros podem dar à disciplina, porquanto capazes de fornecer informações sobre categorias que têm baixa visibilidade nos registros arqueológicos, como mulheres, crianças, e grupos étnicos, em especial negros escravizados. Neste momento, a disciplina está particularmente voltada para a procura desses segmentos de baixa visibilidade nos registros arqueológicos, e dos vidros vêm surgindo algumas pistas que podem nos levar até eles.

Três classes de objetos, até agora pouco valorizados pelos arqueólogos no Brasil, vêm chamando uma atenção maior nessa direção: bolas de gude, contas de vidro e cacos de vidro lascado. Sem dúvida alguma eles merecem ser investigados em maior profundidade, pelas possibilidades de acesso que apresentam a aspectos sociais pobremente documentados dessas categorias marginais.

As bolas de gude do século XIX foram em sua maioria fabricadas na Alemanha, que liderou a produção de brinquedos na Europa até o início do século XX. As manufaturas alemãs começaram a produzi-las à mão, a partir de 1846, até a primeira década do século atual, quando sua fabricação foi mecanizada, com o surgimento das primeiras máquinas automáticas. Essas bolinhas foram feitas também em outros materiais, como argila, pedra, louça, alabastro, calcário, ágata e pedras semi-preciosas. Carskadden & Gartley (1990) assinalam que as de louça, relativamente baratas, constituem de 80% a 95% das que são recuperadas em sítios arqueológicos norte-americanos. No Brasil, são as de vidro que mais aparecem em nossos registros. Contudo, há pouco conhecimento produzido a partir delas sobre crianças e seu universo lúdico, se é

que elas foram exclusivas das crianças. Os estudos de gênero ainda não chegaram a esse domínio, que pode ser consideravelmente explorado, sobretudo pelo fato de as informações sobre bolas de gude estarem crescendo vertiginosamente no exterior.

As contas de vidro recuperadas arqueologicamente, produzidas há séculos na Europa, em especial por italianos e flamengos, basicamente para comércio, apresentam diferentes técnicas de manufatura, formas e funções, já bem descritas na literatura. Essas contas, segundo Stine e colaboradores (1996), foram intensamente utilizadas por mulheres na África Ocidental e vêm sendo encontradas, nos Estados Unidos, em contextos afro-americanos, sugerindo a continuidade, em solo americano, de uma tradição que teria sobrevivido, não sem adaptações, em meio às novas condições vividas pelos negros na América. Aparentemente utilizadas como adorno corporal, parecem ter tido significados mais profundos, de naturezas e dimensões ainda desconhecidas.

Yentsch (1994) refere-se ao seu valor simbólico entre alguns grupos africanos, considerando que na África Ocidental adornos e pentaedros eram, entre outros elementos, importantes marcadores de identidade cultural e social: separavam homens de mulheres, velhos de jovens, apontavam parentescos, pontuavam ritos de passagem, comunicavam talentos especiais na vida e na morte, anunciavam tabus. A vinda para a América reordenou essas práticas, que assumiram diferentes configurações, mas os suportes materiais continuaram transmitindo informações, como emblemas de identidade cultural em uma nova sociedade pluriétnica.

A arqueologia norte-americana tem construído algumas hipóteses sobre essas contas, como a de que seriam relativamente difíceis de serem obtidas pelas populações escravizadas, o que as transformava em bens de valor. Ou como a de que seriam imbuídas de poderes mágico-religiosos: contas azuis seriam identificadas com determinadas divindades africanas, contas de cornalina seriam amuletos que dariam proteção aos seus portadores, tal como ossos e dentes de determinados animais, penas, pedaços de pele, cabelo, unhas, rochas, etc., entre outros.

No Brasil, encontramos em nossas escavações apenas uma conta vermelha: em um contexto rural - uma fazenda de café do Vale do Paraíba - junto a um tanque de lavagem de roupa de meados do século XIX, onde as mulheres escravas certamente se reuniam (Andrade Lima et al.1993). Na arqueologia norte-americana predominam as contas

azuis (Stine et al. 1996), encontradas sempre em pequenas quantidades em locais onde havia africanos ou afro-americanos, aparentemente perdidas durante o desempenho de atividades cotidianas. Resta saber se essa cor azul tem um significado simbólico, como se considera comumente, dando proteção espiritual contra infortúnios, doenças e trazendo boa sorte, ou se, como informam os catálogos dos vidreiros europeus, asiáticos e do Oriente Médio, as manufaturas ofereciam em maior quantidade contas azuis, azuis-esverdeadas e verdes, mais que de outras cores, em virtude do cobalto ser um dos mais fortes corantes disponíveis para as manufaturas vidreiras.

Na Holanda, em Amsterdam, um interessante problema relacionado a contas de vidro foi apresentado por Baart (1988), apesar de não ter sido satisfatoriamente explicado: em quase todas as unidades domésticas dos séculos XVI e XVII essas contas aparecem nas lixeiras, atestando uma alta frequência de utilização. Contudo, os registros documentais não fazem menção ao seu uso. Essas contas não aparecem em inventários, nem tampouco em registros iconográficos, e, até meados do século XIX, contas não eram comumente usadas por mulheres européias.

Há aqui claramente uma discrepância entre registro arqueológico e registro documental, uma esplêndida situação para a Arqueologia Histórica mostrar a sua força, já que do confronto entre esses dois registros nasce um terceiro nível de informação, no qual ela deve preferencialmente operar, para não se tornar uma mera ilustração do que foi escrito no passado ou sobre o passado. Essas situações é que alimentam nossa disciplina e a impelem para novos patamares de qualidade. Pouco e mal exploradas, contudo, como no caso em questão, só fazem estimular nossa inércia e a equivocada vocação ilustrativa da Arqueologia Histórica..

A terceira classe de artefatos de vidro, promissores para uma importante questão da Arqueologia Histórica neste momento - a busca dos chamados "invisíveis", daqueles que estão à margem - são os cacos de vidro lascados. Pela primeira vez identificados na Arqueologia Histórica brasileira por Mentz Ribeiro, em 1988 (p.54), na Aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, foram assim descritos: "alguns fragmentos (10%) possuem sinais de utilização (raspar, cortar) e retoques unificiais; as arestas vivas foram eliminadas, formando um bordo "denteado" alternado". Segundo o mesmo pesquisador, essas peças vêm

aparecendo também na região de Rio Grande e possivelmente em missões jesuíticas.

Desde então há relatos de outros pesquisadores que as recuperaram em sítios indígenas de contato, em diferentes pontos do país. Também no Rio Grande do Sul, foram reconhecidos em uma unidade doméstica do século XIX, em Porto Alegre, descritos e discutidos por Symanski (1998; ver também Symanski & Osório 1999). Esses artefatos foram atribuídos por Wilkie (1996) a afro-americanos, a partir de achados feitos em uma *plantation* na Louisiana, em um contexto compatível com essa interpretação. Symanski e Osório (op. cit.) também admitiram essa possibilidade, uma hipótese a ser testada em um número maior de evidências e contextos.

Assim, no quadro da análise de vidros históricos percebemos uma ênfase excessiva em tecnologia, em detrimento dos comportamentos que levaram os indivíduos à utilização desses artefatos. Não estamos desmerecendo aqui a importância da tecnologia de fabricação dos vidros, o primeiro e mais fundamental passo analítico a ser dado, e sem o qual a investigação não avança, seguindo-se a análise morfológica e funcional, bem como a identificação de possíveis marcas, potencialmente capazes de fornecer elementos para cronologia. Em 1990, Orser & Babson, discorrendo sobre vidros de pimenta na Louisiana, assinalaram que na arqueologia dos séculos XIX e XX os artefatos são perfeitamente identificáveis na forma e na função, mas difíceis de serem datados. E é aí que os aspectos tecnológicos e morfológicos nos dão pistas fundamentais.

O importante, no entanto, é que a análise não seja interrompida nesse nível técnico e que se avance na direção da explanação dos comportamentos contidos nos vidros e nos contextos em que eles são encontrados, fazendo emergir toda a dinâmica social associada a eles. Só assim tecnologia, forma e função poderão fazer algum sentido. Caso contrário, não passarão de estéreis exercícios tipológicos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDRADE LIMA, Tania; Maria Cristina Oliveira Bruno; Martha Pereira R. da Fonseca

1993 Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ (exploração arqueológica e museológica). *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série, 1:179-206.

BAART, Jan 1988 Glass Beads Sites in Amsterdam. *Historical Archaeology*, 22(1):67-75.

BUSCH, Jane

1987 Second Time Around: a Look at Bottle Reuse. *Historical Archaeology* 21(1):67-80.

CARSKADDEN, Jeff & Richard Gartley

1990 A Preliminary Seriation on 19<sup>th</sup> Century Decorated Porcelain Marbles. *Historical Archaeology* 24(2):55-69.

ORSER JR., Charles & David W. Babson

1990 Tabasco Brand Pepper Sauce Bottles from Avery Island, Luisiana. *Historical Archaeology*, 24(3):107-14.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz; Catarina Torrano Ribeiro & Itala da Silveira

1988 Arqueologia e História da Aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, n.18, Santa Cruz do Sul.

STINE, Linda France; Melanie A. Cabak; Mark D. Groover

1996 Blue beads as African-American Cultural Symbols. *Historical Archaeology*, 30(3):49-75.

SYMANSKI, Luis Claudio Pereira

1998 *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Coleção Arqueologia 5, PUCRS, Porto Alegre.

SYMANSKI, Luis Claudio Pereira & Sergio Rovam Osório  
1996 Artefatos reciclados em sítios arqueológicos de Porto Alegre. *Revista de Arqueologia* 9:43-54.

WILKIE, Laurie A.  
1996 Glass Knapping at a Louisiana Plantation: African-American Tools. *Historical Archaeology* 30(4):37-49.

YENTSCH, Anne Elizabeth  
1994 *A Chesapeake Family and Their Slaves. A Study in Historical Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.